

Patrícia Pires Pacheco

Atos de currículo, Pedagogia Griô e formação

As questões que circundam a relação entre escola e cultura, embora há muito contribuam para importantes reflexões do campo da educação, ainda se revelam como um desafio nas esferas práticas cotidianas nas quais se entrelaçam currículo e formação docente, por exemplo.

No contexto desta problemática, a pesquisa dissertativa que realizei sobre *atos de currículo da Pedagogia Griô* e seus *etnométodos* buscou investigar e compreender como a tradição oral local passou a fazer parte da dinâmica educacional em escolas de quilombos de Rio de Contas (Bahia) nas quais as professoras participaram da formação na “Pedagogia Griô”.

A **Pedagogia Griô** é um projeto educacional desenvolvido pela educadora Líllian Pacheco e que se fundamenta em ações de reconhecimento da tradição oral dentro e fora das escolas, promovendo práticas de ensino, aprendizagem, pesquisa e divulgação da cultura, do pensamento, da arte e dos saberes locais das comunidades onde atua.



O **Bendengó** é um exemplo de uma manifestação da tradição oral dos quilombos de Rio de Contas, a dança é uma forma de expressão muito divertida que envolve coreografia diversificada.

(Foto: Álvaro Villela)

A perspectiva teórica que me guiou nesta pesquisa considera o currículo em seu estado animado pelo movimento dialógico dos atores e atrizes que o interpretam (*atos de currículo*) em uma experiência própria e de aspectos contextualizáveis (*etnométodos*), rompendo em definitivo com as ideias reificadas do currículo como documento ou grade curricular.

Na escola do quilombo de Barra, observamos que, assim como na maioria das escolas brasileiras, o principal guia prático utilizado pelos professores para instituir os conteúdos curriculares ainda é o livro didático. Dentre as diversas consequências de tal procedimento, ficam evidentes as dificuldades de professoras e estudantes em adaptar-se aos tempos determinados para aprendizagem bem como de atender a premissa do saber com significado cultural.



Em um dos encontros de formação na Pedagogia Griô para docentes da rede municipal de Rio de Contas, as professoras e professores do grupo dançam e cantam o **Bendengó**.

(Imagem: www.acaogrio.org.br)

No entanto, a partir dos encontros formativos da Pedagogia Griô, as professoras de Barra passaram a evidenciar, em seus etnométodos, elementos da tradição oral local. Abaixo, a transcrição de uma fala significativa de uma das professoras entrevistadas durante a pesquisa para sintetizar o que, para ela, mudou na concepção dos atos de currículo após a formação em questão:

...o conceito da circularidade, de trabalhar cantiga de roda, de samba, de contar história, a gente já fazia isso antes, mas só que não era uma coisa que vinha no currículo escolar da gente, a gente não tinha uma formação pra isso, a gente fazia porque era coisa da nossa cultura eram coisas que... assim... nossos irmãos mais velhos faziam, nossos pais faziam, então a gente seguiu isso, mas não tinha uma formação como um incentivo da secretaria de educação, como formação pedagógica...

(Juliana, entrevista gravada em 07/08/12)



Momento no qual a *Griô Aprendiz* Flávia Pacheco (com lenço vermelho no cabelo) realiza uma *Vivência da Pedagogia Griô* com a turma da Professora Juliana como parte das ações da Formação. Quilombo da Barra, Rio de Contas-Ba.

Foto: Patrícia Pacheco.

Nesse sentido, a *Pedagogia Griô*, como uma pedagogia cultural, instiga a autonomia dos agentes curriculantes na busca e afirmação de suas referências identitárias, disputando, no território do currículo, o direito a saber-se de si (ARROYO, 2011).

Percebemos, com isso, que as professoras se colocam na perspectiva de “atrizes autoras” do currículo, uma condensação que “se realiza implicando e entretecendo o existencial, o sociocultural e o pedagógico” (MACEDO, 2010). Ou seja, mesmo sem uma orientação contínua de um facilitador (na formação direta ou via Griô Aprendiz), faz-se com que os saberes de tradição oral passem a configurar os atos de currículo na escola.

Sobre a autora

Antropóloga, mestra em educação pela FACED-UFBa, pesquisadora do FORMACCE.

Referências

ARROYO, M. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACEDO, R. S. Compreender/mediar a formação: o fundante da educação. Brasília, DF: Líber Livro, 2010.